

O DESEMPENHO DO HOMEM-MASSA NAS PRÁTICAS CORPORAIS ESPORTIVAS: UMA RELAÇÃO DE AMOR E DE ÓDIO

Prof. Dr. ROGÉRIO RODRIGUES

Docente da Universidade Federal de Itajubá.

e-mail: rogerio@efei.br

RESUMO

Na modernidade, o corpo apresenta-se como objeto de fascínio e cuidado. Entretanto, compreendemos que ele é causa de afeto e também de repulsa. Essa relação objetal apresenta-se de maneira ambivalente, ou seja, em nossas práticas corporais estabelecemos com o corpo uma relação de "amor" e "ódio". Isso resulta em atuações em que os cuidados com o corpo apresentam-se paradoxalmente, ou seja, todo físico desejado é simultaneamente o anúncio de um corpo que não é desejado e passível de ser "destruído". Nas práticas corporais esportivas podemos indicar como se apresenta essa relação de "amoródio" entre o "corpo desejado" e o "corpo imperfeito".

PALAVRAS-CHAVES: *Educação; educação e psicanálise; educação do corpo; educação física.*

É senso comum que nós, os “modernos”, possuímos um certo fascínio pelas “coisas do corpo” (Descartes, 1974a, p. 144). Entretanto, o que seria esse fascínio? Apresenta-se como um conjunto de cuidados com as “coisas do corpo”, ou seja, temos regimes de condutas centradas em determinadas práticas corporais com as mais diversas finalidades. Tudo parece indicar que a modernidade centra-se em diversos discursos sobre como devemos proceder na relação corpórea, discursos esses que podemos denominar “dietas corporais”. Entretanto, o que elas seriam? Podemos compreendê-las como um conjunto de condutas com a finalidade de produzir determinados efeitos, mais propriamente, a construção de “corpos desejados”. Contudo, isso não esclarece as razões de como os sujeitos escolhem o tipo de corpo que tanto desejam possuir e que devem exaustivamente construir em si mesmos.

Podemos partir do senso comum e afirmar que são os sujeitos que escolhem o tipo de “corpo desejado”. Em contraposição a essa afirmação, a nossa hipótese é de que, efetivamente, são os corpos que escolhem os sujeitos. Como ocorre essa inversão entre o sujeito e o objeto?

Esse paradoxo na escolha do objeto não se apresenta como uma hipótese inédita, pois desde os estudos de Karl Marx sobre o fetiche da mercadoria já podemos encontrar os mecanismos que operam na inversão entre o sujeito e a coisa, no caso específico do nosso estudo, entre o sujeito e o “corpo coisa”. Para Marx:

À primeira vista, a mercadoria parece ser coisa trivial, imediatamente compreensível. Analisando-a, vê-se que ela é algo muito estranho, cheia de sutilezas metafísicas e de argúcias teológicas. [...] A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre os produtos do seu próprio trabalho. Através dessa dissimulação, os produtos do trabalho se tomam mercadorias, coisas sociais, com propriedades perceptíveis e imperceptíveis aos sentidos. [...] Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas (Marx, p. 79-81, s./d.).

Portanto, o resultado dessa inversão na escolha do objeto, na qual o “corpo coisa” submete o sujeito, somente poderá ser compreendido no momento em que analisamos o corpo reificado. Nessa relação, o “corpo coisa” assume vida própria e independente. Assim, ele opera como um “objeto de desejo” do qual o indivíduo não se consegue desviar e que determina as devidas ordenações e condições de funcionamento do “ser”. Portanto, o sujeito submete-se aos ditames do corpo como se esse tivesse o pleno comando sobre as condições de vida e uso sobre o

seu “ser corpo”. Isso acaba por constituir-se num modo de ser que causa no sujeito uma atração estranha que o impulsiona para um tipo de corpo que o obriga a submeter-se a uma “dieta corporal” com o objetivo de satisfazer em si mesmo a produção do próprio corpo. Desse modo, podemos afirmar que são esses “corpos desejados” que determinam as regras de funcionamento e sistematizam as práticas entre as “coisas do corpo” e os sujeitos.

O sujeito desconhece as determinações da atração e da escolha de um determinado tipo corpóreo, pois seu fascínio está diretamente relacionado àquilo que podemos denominar como identificações. Ele possui atração por um corpo, no qual encontra as condições de reconhecer a “si mesmo”. No caso corporal, podemos afirmar que tais identificações são determinantes não somente nas produções de corpos, como também, são responsáveis pelas produções de subjetividades, mais propriamente, de sujeitos. Na produção de identificações, as relações de subordinação que se estabelecem são entre coisas, ou seja, tanto o sujeito como o corpo, ambos estão coisificados. Isso somente se torna possível pelo fato de que o tratamento do “corpo coisa” permite uma atuação efetiva para transformá-lo e moldá-lo conforme a satisfação que se busca “em ser”. Já o “sujeito coisa” é aquele que não se permite viver as indeterminações da vida e exige que tudo seja regrado, inclusive o seu modo de ser sujeito. Temos assim, nessas relações entre corpos e sujeitos uma dupla produção, ou seja, o “sujeito coisa” e o “corpo coisa” – uma subordinação direta da vida em relação ao objeto. Nessas subordinações entre o sujeito e o corpo coisificado, basicamente, podem-se apresentar dois tipos de sentimentos, ou seja, de um lado uma atração e fascínio descontrolado e do outro lado uma repulsa e ódio intenso.

Podemos dizer que somos atraídos por um corpo que tanto desejamos e, simultaneamente, possuímos uma completa repulsa por um que, também, tanto odiamos. Entretanto, como seria possível existir para com as “coisas do corpo” sentimentos tão opostos entre si? Torna-se possível a manifestação desse sentimento a partir das relações que estabelecemos com os objetos, ou seja, podemos, por um lado, sentir amor por um determinado corpo cobiçado e, por outro lado, podemos manifestar um ódio pela forma corporal indesejada. Para Freud,

os instintos dos homens pertencem a duas categorias: aqueles que tendem a conservar e a unir – o denominamos “erótico”, completamente no sentido de Eros do Symposion platônico, o “sexual”, ampliando deliberadamente o conceito popular da sexualidade e aqueles instintos que tendem a destruir e a matar. Estes, compreendemos como “instintos de agressão” ou “de destruição”. [...]. Ora, parece que estes instintos quase nunca podem atuar isoladamente, pois sempre aparecem ligados – como dizemos “fusionados” – com certo componente originário do outro, que modifica seu fim e que em certas circunstân-

cias é o requisito necessário para que este fim seja alcançado. Assim, o instinto de conservação, por exemplo, sem dúvida é de índole erótica, mas é preciso dispor da agressão para efetuar o seu propósito. Analogamente, o instinto do amor objetual necessita de um complemento do instinto de posseção para poder apoderar-se do seu objeto (Freud, 1996, p. 3211-3212, tradução livre).

Nessa ambivalência de sentimentos em relação ao mesmo objeto, mais propriamente, de “instintos fusionados”, os cuidados corporais apresentam-se como sendo um paradoxo, ou seja, todo corpo desejado é simultaneamente o anúncio de um indesejado. Portanto, as manifestações desses sentimentos caracterizam-se pelo fato de os sujeitos terem que lidar, simultaneamente, com o desejo e a repulsa por um determinado tipo de corpo (amor/ódio).

O amor pelo corpo poderá ser constatado no esforço que os sujeitos fazem para mantê-lo ou conquistá-lo e o ódio manifestar-se-á por todas as técnicas para afastar-se dele ou destruí-lo. Assim sendo, todos os procedimentos que os sujeitos fazem para cuidar das “coisas do corpo” é algo que em si desdobra-se no “amoródio”, ou seja, todo ato para manter ou construir um determinado tipo de corpo é em si um modo de anular e destruir outro. Pouco importa se o sujeito realiza uma coisa (amor) ou outra (ódio), pois, em ambos os casos, seja qual for, o fascínio e a repulsa determinam os “cuidados com o corpo” e esses serão da mesma intensidade, seja para conservá-lo ou destruí-lo.

Não podemos deixar de considerar que para muitos o corpo “em si” é portador de algo que não é desejado: a morte. As queixas são de diversas ordens e as mais improváveis possíveis, coisa do tipo: “não gosto do meu nariz”, “meu cabelo é fino demais”, “como posso perder a barriga”, “preciso emagrecer”, “preciso engordar”, “gostaria de ser mais alto”, enfim, não teríamos como elencar todos os tipos de queixa em relação a ele. Contudo, todas elas anunciam a destruição do corpo, pois: “nariz”, “cabelo”, “barriga”, passam a ser objeto de enfoque para uma transformação, para não dizer, destruição para que em seu lugar possa surgir o “novo corpo”.

Todas as queixas em relação ao corpo podem ser unificadas por um desejo único que deve ser alcançado ou mantido a qualquer custo: a satisfação de encontrar nele o pleno controle sobre a vida. Para tanto, todo um regime de condutas deve ser rigorosamente seguido para mantê-lo nas medidas exatas, um modo de iludir-se no governo da vida. Entretanto, o grande “mal estar” que o corpo pode promover é que ele se encontra em permanente degeneração (Freud, 1996), isto é, por mais que desejemos controlá-lo vivo ele não deixa de ser potencialmente um corpo que poderá “ser” morto. Portanto, por mais que almejemos construir um determinado tipo de corpo, em última instância, ele rompe a submissão e com a morte impõe-se como verdade sua destruição.

Sobre esse “desgoverno” nada queremos saber. Entretanto, sentimos um “amoródio” que se desdobra em nosso fascínio e repulsa pelas “coisas do corpo” que transparecem nos discursos dos sujeitos como algo perturbador; pois na maioria das vezes não se torna possível elaborar qual seria o verdadeiro “mal-estar” que o corpo produz em cada sujeito. Em grande parte, definimos o nosso gosto ou desgosto por ele a partir daquilo que se pode denominar como sendo o “corpo ideal”. Nesse ponto, já se apresenta um problema para o sujeito encontrar a satisfação ou a frustração, ou seja, o que seria um “corpo ideal”?

Vamos analisar essa noção no campo dos esportes, pois nele ocorre todo um investimento com o objetivo de instituir um corpo que apresente resultados positivos. Sendo assim, compreendemos que no mundo moderno as práticas corporais esportivizadas são um campo próprio para essa análise, uma vez que, no uso do tempo livre, os cuidados corpóreos são mais intensos e estão centrados em práticas com o objetivo de uma imediata construção e destruição de corpos com a meta de obter-se um maior rendimento possível em seu uso técnico esportivizado.

Partimos do pressuposto de que para se pensar o “corpo ideal” devemos, primeiramente, analisar as relações que os sujeitos podem e desejam manter com seu próprio corpo. Na análise do “homem-massa” é que podemos encontrar o gosto por determinadas práticas esportivas em toda a sua plenitude, ou seja, essas apresentam-se como algo natural. Elas são assumidas como as preferidas para o uso técnico do corpo, pois mostram-se como o resultado dos “apetites do homem-massa” (Ortega y Gasset, 2002, p. 14). Esses “apetites” seriam uma vontade de “fazer coisas” que impulsionariam o sujeito ao ato e isso seria algo em grande parte incontrolável e que se impõe sobre o indivíduo. Nesse sentido, o sujeito inserido no interior de uma prática de esporte ou na massa possui a mesma metodologia de funcionamento, mais propriamente, o mesmo “regime de condutas”. Praticamente em todos os lugares os “homens-massa” desejam e fazem as mesmas atividades esportivas, pois encontram-se submetidos aos seus próprios “apetites”.

A aglomeração na prática do esporte faz com que se facilitem as formações de massas, o que resulta na constituição mais eficiente do “homem-massa”. Nas práticas esportivizadas podemos encontrar um “regime de condutas” que em seu interior define a afinidade coletiva de todos os que são pertencentes ao agrupamento, ou seja, o deleite pelas práticas competitivas de movimento corporal humano tende a ser disseminado em maior número de adeptos proporcionando as condições necessárias para sua aglomeração em torno do elemento comum a todos, o desejo pelo esporte. Podemos pensar que o gosto por um determinado esporte é um modo de dissimularmos a nossa relação de “amoródio” pelas coisas do corpo.

Os adeptos do esporte vão se aglomerar em lugares em que possam encontrar um outro que compartilhe de seus sentimentos de gosto por uma determinada técnica corporal. Diríamos também que o esporte é algo que unifica a todos no modo de usufruir o uso do tempo livre com os objetivos de produzir, reproduzir, e até destruir corpos e, porque não dizer, subjetividades. Isso pode ser algo revelador no sentido da compreensão dos motivos pelos quais o “homem-massa” gosta tanto de fazer determinados esportes.

O fato de os sujeitos compartilharem os mesmos gostos e realizarem de modo padronizado os mesmos gestos é algo pertinente às massas, pois em seu interior reina a igualdade e ela deve ser absoluta e indiscutível. Tal “igualdade jamais é questionada pela própria massa. Ela é de tão fundamental importância que se poderia definir o estado da massa como um estado de igualdade absoluta” (Cannetti, 1995, p. 28). Não podemos deixar de afirmar que fazer os movimentos corporais que instituem a igualdade em “ser” é, também, um modo de instituir o gosto por determinados gestos que em si são os construtores e destruidores de corpos. Entretanto, apesar de não ser algo propriamente do campo esportivo não podemos deixar de citar a reação a esse tipo de educação física que adentra para realizar os mesmos movimentos, ou seja, podemos possuir um certo estranhamento em relação a determinados tipos de uso do corpo, como, por exemplo, no caso do treinamento europeu, quando demonstrado pela primeira vez por Takashima,

o reformador militar japonês, a alguns samurais de alta patente em 1841, provocou escárnio; o mestre da artilharia disse que o espetáculo de “homens levantando e manipulando suas armas todos ao mesmo tempo e com o mesmo movimento parecia que estavam participando de alguma brincadeira de criança”. Era a reação de guerreiros que lutavam corpo a corpo, para quem lutar era um ato de auto-expressão pelo qual um homem exibia não apenas sua coragem, mas também sua individualidade (Keegan, 1995, p. 26).

Podemos compreender que todo tipo de treinamento de uso corporal pode ter determinados objetivos, mesmo militares. Portanto, no que se refere ao “homem-massa”, o adestramento do corpo poderá ser tanto para a preparação para a guerra quanto para algum tipo de prática esportiva. O que importa sinalizar é que corpos são construídos e, simultaneamente, destruídos na formação do sujeito “homem-massa”. Em ambos os casos (guerra/esporte) os sujeitos são submetidos a um conjunto de disciplinas que os preparam para o rigor físico de suas disputas. Sendo assim, na satisfação do “homem-massa”, na submissão ao adestramento físico das práticas corporais constitui-se o “conteúdo manifesto” da relação de “amoródio” pelas coisas do corpo.

O gosto desse homem pelos treinamentos e gestos esportivos repetitivos

deve ser encontrado em função de algum tipo de prazer obtido nesses tipos de práticas (Freud, 1996). De um modo geral, não podemos deixar de sinalizar que no esporte pode estar submerso o desejo de destruição, ou seja, o sujeito pode encontrar as condições para uma regressão ao estágio predatório em “ser”. Nessa regressão

que se caracteriza pelas manifestações do temperamento predatório devem ser estas manifestações todas classificadas sob o título de “proezas”. São em partes simples expressões irrefletidas de uma atitude de ferocidade emulativa, em parte atividades deliberadamente iniciadas no intuito de obter renome de proeza. [...] Mediante a habilidade, os esportes se transformam gradualmente, de uma base de combate hostil, em astúcia e chicana, sem que seja possível traçar-se uma linha divisória em qualquer ponto. A base da inclinação para o esporte é uma constituição espiritual arcaica – a posse de uma inclinação predatória emulativa em potência relativamente alta. Uma forte propensão para a proeza temerária e para infligir danos é especialmente pronunciada naqueles costumes de uso coloquial especialmente denominados de esportividade (Veblen, 1983, p. 119).

Mesmo considerando que no campo esportivo o “homem-massa” possa retratar a sua agressividade, o que podemos dizer exatamente sobre a constituição do sujeito como o “homem-massa”? Diríamos que esse homem

seria aquele que é feito de pressa, montado simplesmente sobre poucas e pobres abstrações [...]. Esse homem-massa é o homem previamente esvaziado de sua própria história, sem entranhas de passado e, por isso mesmo, dócil a todas as disciplinas chamadas “internacionais”. Não é um homem, é apenas uma forma de homem constituída por meros idola fori; carece de um “dentro”, de uma intimidade própria, inexorável e inalienável, de um eu que não se possa revogar. Eis por que está sempre disposto a fingir que é alguma coisa (Ortega y Gasset, 2002, p. 14).

Esse seria o ponto primordial para analisarmos as relações que o “homem-massa” estabelece com o “esporte”, ou seja, podemos compreender o campo dos esportes como um lugar para que os homens possam fingir que são alguma coisa, preferencialmente, um atleta, mais precisamente, um sujeito que construiu/destruiu um corpo vencedor. Diríamos que o “esporte” proporciona ao sujeito uma ilusão de que é possível “ser”, pois é muito comum escutarmos afirmações do tipo: “eu sou corredor”, “eu sou nadador”, “eu sou jogador”, enfim, temos uma porção de “eu” definido como alguma coisa perante a prática de determinados movimentos corporais esportivizados. Portanto, no campo do esporte o sujeito encontra as condições para realizar o desejo por um determinado tipo corpóreo (amor). Entretanto, qual foi o destino do ódio para com o corpo que “não é”? Diríamos que toda aversão para com ele pode estar sendo recalçado, pois nada queremos saber sobre

o mal estar do que “não é”. Fazemos isso para não termos que lidar com o corpo que nos promove um estranhamento. Entretanto, o sintoma é o retorno do recalcado. No caso do ódio para com o corpo o seu retorno poderá ser realizado em atuações que causam estranhamento pela falta de cuidado para com as “coisas do corpo”.

No treinamento corporal esportivo institui-se uma prática de sofrimento e esse somente pode ser submetido a tal regime de condutas pelo fato de constituir-se num modo de manifestar o ódio pelo o corpo que “não é” o “vencedor”. Portanto, treinar é destruir a forma corporal que se odeia para que em seu lugar possa surgir um “corpo ideal”, mais propriamente, o vencedor. Contudo, por quais motivos somos direcionados a “desejar” este ou aquele tipo corpo ou o mesmo sentimento por um determinado desempenho de movimento corporal humano?

Podemos pensar que os motivos que levam os sujeitos a definirem sua submissão a um determinado tipo de corpo sejam o fato de que alguns movimentos nos esportes ou algumas imagens de corpo proporcionam as condições necessárias para que possamos “não ser”. Paradoxalmente, o esporte também passa a instituir um modo para que o sujeito identifique-se, ou seja, proporciona as condições necessárias para que ele encontre algo para que possa reconhecer-se enquanto “ser”, no caso específico, o sujeito esportivo.

O que mais desejamos é podermos “ser” e evitar o nosso pleno desaparecimento enquanto sujeitos no interior das massas. Entretanto, isso é algo contraditório, pois “não ser” nelas é algo que promove um certo fascínio nos sujeitos, mas não é por acaso que as massas formam-se tão rapidamente. Nelas, a igualdade entre os indivíduos é um momento no qual se pode facilmente dissolver na diferenciação de tantos “eus”. Um modo de evitar o desespero e sofrimento de ter que lidar com o “amoródio” em relação às coisas do corpo.

Nas práticas corporais esportivizadas, há sujeitos que por determinados desempenhos podem diferenciar-se da massa e passam a ser o “eu” de destaque esportivo. Essa evidência é proporcionada pelo critério de uma alta performance no movimento corporal e na eficácia dos resultados obtidos que o indivíduo possa alcançar, sendo que é somente considerada a vitória como o resultado propriamente pertinente. Podemos ter aqui um processo de identificação entre o “homem-massa” e o melhor praticante de determinados esportes. As marcas de produtos patrocinam aquelas equipes ou aqueles indivíduos que obtiveram os melhores resultados no campo esportivo. Isso não ocorre por acaso, pois se sabe que o “homem-massa” não deixará de prestar atenção nesse tipo de comportamento de alguma forma consagrado por todos os que fazem parte da massa, portanto, reconhecido e passível de ser imitado. Para tanto, o “homem-massa” tem que reconhe-

cer o movimento corporal esportivizado como sendo algo próprio e, principalmente, necessário de ser imitado. Em termos maussianos, temos aqui algo que podemos considerar como uma aprendizagem de Educação Física que ocorre, primordialmente, entre os sujeitos, por um processo denominado como imitação prestigiosa. Para Marcel Mauss “a criança como o adulto, imita atos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem sucedidos em pessoas em quem confia e que têm autoridade sobre ela. O ato impõe-se de fora, do alto, ainda que seja um ato exclusivamente biológico e concernente ao corpo” (1974, p. 215). Além da imitação prestigiosa, o sujeito dispõe de um outro fator que interfere diretamente na definição do movimento corporal esportivizado, qual seja, a observação do uso “técnico do corpo” é algo que “em si” possui um processo de alteração no transcorrer do tempo. Portanto,

É fato constante e notório que no campo do esforço físico e desportivo atingem-se hoje performances que superam grandemente as do passado. Não basta que se admire cada uma delas e se reconheça o recorde que bateram, mas é preciso que se tome consciência da impressão que sua freqüência nos deixa, convencendo-nos de que o organismo humano de nosso tempo possui capacidade superior às conhecidas anteriormente (Ortega y Gasset, 2002, p. 71).

São essas proezas humanas de exibir suas capacidades de superação que impellem o “homem-massa” ao “desespero de si”. O “desespero” seria a crença de que é sempre possível superar a “si mesmo”. O único modo que o “homem-massa” pode satisfazer seu desejo de superar-se constantemente é dominar um “saber” próprio sobre seu “ser”. Assim sendo, tem-se uma “vontade de saber” sobre os seus próprios princípios de funcionamento para que possa domesticar-se e adestrar o corpo ampliando cada vez mais os resultados de seu uso – a produção de corpos ditos perfeitos.

Tendo como base a tese maussiana da “imitação prestigiosa” os limites da “superação de si” seriam estabelecidos pelo sofisticado uso das técnicas corporais. Nesse caso, teríamos ora “progressos” e ora “regressos” no âmbito das performances do uso das “técnicas corporais”, pois nem sempre conseguimos imitá-las plenamente. Mesmo que os sujeitos pudessem educar/imitar/adestrar o corpo para reproduzir com exatidão a técnica corporal eficaz e eficiente, como também, inovarem as táticas e preparos psicológicos, o “homem/máquina” teria sempre seus limites estabelecidos.

Essa falta “em ser” o “corpo desejado” somente pode ser ilusoriamente preenchida com a aquisição de mercadorias que adornam o corpo e, isso, de certa forma acaba por proporcionar ao sujeito a satisfação de possuir uma forma corporal quase perfeita. O “homem-massa”, por algum motivo, faz a dedução de que possa existir

alguma relação entre os produtos usados pelo “atleta campeão” e os excelentes resultados obtidos nos campeonatos esportivos. A identificação do “homem-massa” que nos interessa analisar é com o “produto corpo”. Assim sendo, podemos compreender que o fascínio por determinadas “técnicas de uso de corpo” é na verdade a identificação do “homem-massa” com um determinado tipo de “corpo produto”. Ele passa a ser alvo de consumo, basicamente, para uma dupla finalidade, identificar-se com o melhor corpo no sentido de encontrar um porto seguro para o seu próprio “eu” e a crença de que ele pode de alguma forma proporcionar as condições favoráveis para um melhor desempenho nas práticas corporais esportivizadas.

Uma pergunta fascina o “homem-massa”: como deve proceder para produzir o “corpo ideal”? O “homem-massa” não sabe como obtê-lo e busca desenfreadamente as receitas de como deve proceder nesse “regime de dieta corporal”. Entretanto, uma coisa sabe, como atuação sintomática deve exercitar-se ao ponto de suportar o máximo de dor, pois somente assim é que estará efetivamente destruindo e construindo o seu próprio corpo. Ele possui um sentimento de que somente com muita dor e sofrimento é que poderá obter a formação de um determinado tipo de corpo que lhe possa proporcionar os resultados esperados.

Esse modo, destrutivo e, paradoxalmente, construtivo de usar o corpo é ampliado de forma indefinida até o momento em que sofisticados laboratórios desenvolvem toda uma tecnologia de conhecimento “químico/mecânico”. Nesse momento, o olhar sobre o “corpo manipulável” passa a ser de outro foco de atenção dos treinadores, ou seja, da prática exaustiva de exercícios físicos para a aplicação controlada de substâncias químicas, mais propriamente, de toda uma farmacologia que tem como objetivo a ampliação do funcionamento da capacidade muscular. Assim, podemos observar um corte na história do corpo, ou seja, as relações de “amoródio” deixam de ser algo exclusivamente resultado de uma extenuante prática física dolorida e passa para uma fase da aplicação química – metamorfosear o corpo sem dor –, mas que uma vez bem aplicada não deixará de determinar a destruição/construção de “corpos perfeitos”. Entretanto, não podemos deixar de destacar que toda a produção desse “corpo desejado” está engajada em seu próprio interior o “corpo imperfeito”. Seria como a cada tentativa do sujeito em alcançar a construção do “desejado” não deixaria de produzir, repetitivamente, o “imperfeito”. Para evitar essas desavenças o sujeito investe na constante metamorfose do corpo com o intuito de poder escapar da “queda” de um estado do “em ser” corporal que lhe desaponta, para não dizer, proporciona a frustração narcisista.

A partir dessa pressuposição da luta do sujeito “em ser” o “corpo desejado” podemos analisar os eventos esportivos, como por exemplo, os jogos olímpicos. O espaço desse evento – o da apresentação plena dos “corpos desejados” – torna-se

também o local para a realização dos jogos da paraolimpíada – local para apresentação dos “corpos imperfeitos” Não podemos deixar de lembrar na palavra “paraolimpíada” que o elemento de composição “para” é de etimologia grega e significa “ao lado de” (Ferreira, s./d., p. 1041). Portanto, a “olimpíada” e a “paraolimpíada”, representam, simbolicamente, no real a nossa ambivalência de “amoródio” pelo corpo. Nesses eventos, ocorrem de um lado certos exageros do amor pelo corpo que nunca falha e, por outro lado, temos um corpo que “em si” é a falta, sobre a qual nada queremos saber acerca da repulsa por ele. Já que no âmbito do simbólico não encontramos um modo de amenizar o conflito de “amoródio”, o real – paraolimpíada – acaba sendo, de certo modo, a maneira que tentamos lidar com o “mal-estar” com as “coisas do corpo” – uma tentativa de amenizar o nosso ódio por um corpo que por algum motivo falha/falta “em ser”. Um modo de atenuar os fantasmas como o corpo que não corresponde ao objeto de desejo, pois apesar de sermos potencialmente “corpos imperfeitos”, eles nunca deixarão de correr, nadar, saltar, lutar, enfim, com um certo esforço eles sempre acabam fazendo tudo – mesmo de modo adaptado – como aqueles que são os “corpos desejados”.

The man-mass performance in the practices of training human body: a relation of “love and hatred”

ABSTRACT: In modernity, the body is presented as an object of allure and care. However, we understand that the same body it's also an object of repulse. Therefore, in this objective relation with the body we present an ambivalent relation in physical practices that is of “love” and of “hatred”. This results in performances where the cares with the body are presented as being a paradox, that is, simultaneously the “desired body” is announced as a body that it's not desired and that can “be destroyed”. In the practices of sports, for determining the “the body care”, we can indicate the relation of “love and hatred” between the “desired body” and the “imperfect body”.

KEY-WORDS: Education; education and psychoanalysis; body education; physical education.

El desempeño del hombre-masa en el ejercicio de las prácticas deportivas corporales: una relación de “amor y odio”

RESUMEN: En las prácticas corporales deportivas, podemos observar como existe una relación de “amor-odio” entre el “cuerpo deseado” y el “cuerpo imperfecto”. En la modernidad, el cuerpo se presenta como objeto de encanto y cuidado. Sin embargo, entendemos que el mismo cuerpo que tanto se cuida, es también objeto de repulsión. Esto termina generando situaciones donde los cuidados del cuerpo se presentan como siendo una paradoja, o

sea, todo "cuerpo deseado" es simultáneamente el aviso de un cuerpo que no se desea y que puede "ser destruido". En la práctica deportiva corporal, que determina "los cuidados del cuerpo", podemos observar como se presenta la relación de "amor-odio" entre "el cuerpo deseado" y el "cuerpo imperfecto".

PALABRAS-CLAVES: Educación; educación y psicoanálisis; educación del cuerpo; educación física.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; MAX, Horkheimer. Notas e esboços. In: _____. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

BIANCARELLI, Aureliano. Pele artificial pode revolucionar cirurgia plástica. *Folha de S. Paulo*, Especial/Corpo, 14 mar. 1999, p. 10.

CANETTI, Elias. *Massa e poder*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DA REPORTAGEM LOCAL. O esporte como negócio. *Folha de S. Paulo*, Especial/Gênese do esporte, 27 ago. 2000, p. 14.

DESCARTES, René. *Meditações*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1974a. (coleção Os pensadores).

_____. *As paixões da alma*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1974b. (coleção Os pensadores).

_____. *Tratado del hombre*. Trad. Guillermo Quintás. Madrid: Editora Nacional, 1980.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, s./d.

FREUD, Sigmund. Mas alla del principio del placer. 1919-1920 [1920]. In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*. v. III. Trad. Luis López-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1996.

_____. El malestar en la cultura. 1929 [1930]. In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*. v. III. Trad. Luis López-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1996.

_____. El porque de la guerra. 1932 [1933]. In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*. v. III. Trad. Luis López-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1996.

_____. Psicología de las masas y analisis del yo. 1920-1921 [1921]. In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*. v. III. Trad. Luis López-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1996.

_____. Lo siniestro. 1919. In: _____. *Obras completas Sigmund Freud*. v. III. Trad. Luis López-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1996.

KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro primeiro: o processo de produção do capital. v. I. Trad. Reginaldo Sant' Anna. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, s. d.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: _____. *Sociologia e antropologia*. Trad. Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: EPU/Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 1974. 2 v.

ORTEGA Y GASSET, José. *A rebelião das massas*. Trad. Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

SOKOLOVE, Michael. Muito além dos limites. *Carta capital: o doping sem controle*. São Paulo, ano X, n. 278, p. 34, 18 fev. 2004.

VEBLEN, Thorstein. Sobrevivências modernas da proeza. In: _____. *A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições*. Trad. Olívia Krähenbühl. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

Recebido: 18 jan. 2005

Aprovado: 12 abr. 2005

Endereço para correspondência
Universidade Federal de Itajubá
Av. BPS, 1303
Caixa postal 50
Itajubá – MG
CEP 37500-176